"Sexy Nature": a naturalização da (homo)sexualidade em uma exposição museográfica

"Sexy Nature": the naturalization of (homo)sexuality in a museum-exhibition

Francisco Paolo Vieira Miguel

NOTA DO EDITOR

Recebido em: 07/12/2013
Aceito em: 13/03/2014

Introdução

1 Tenho observado que uma das estratégias políticas no campo de gênero a respeito dos direitos dos grupos "homossexuais" tem sido a de naturalizar suas práticas sexuais, suas afetividades e identidades. Algo como um "essencialismo estratégico" do movimento LGBT (Vale de Almeida, 2009).[1] Contudo, percebo que essa estratégia discursiva de naturalização tem se dado basicamente por duas vias: a comparação global entre os grupos humanos (seja diacrônica ou sincronicamente) e destes com os não humanos.[2] Tais discursos têm ganhado força desde a cultura *pop* – como o manifesto *Born this way* ("Eu nasci assim") do ícone Lady Gaga – até uma série de obras e manifestos "pró-direitos gays" no campo científico, como na biologia (Cézilly, 2009; Kirkpatrick, 2000), na antropologia (AAA, 2004; Mott, 2005,)[3] e também na história (Neil, 2011).

2 Contudo, se esse discurso tem em nossa ontologia naturalista (Descola, 2005) a pretensão de encerrar a política sobre os corpos, ao jogar a questão da sexualidade humana para o campo inegociável dos fenômenos supostamente naturais, esse processo de institucionalização é em si político e, como tal, essa estratégia tem encontrado

resistência não somente entre importantes grupos religiosos, mas também em algumas abordagens antropológicas que querem desconstruir discursivamente a suposta naturalidade dos corpos e dos desejos.[4] Por outro lado, a naturalização da homossexualidade tem sido uma estratégia que encontra alguma ressonância e parece ser politicamente eficaz, seja para torná-la socialmente aceitável, seja para patologizá-la – ainda que estas duas finalidades não sejam necessariamente autoexcludentes.

3 Era um inverno chuvoso em Paris quando estive no dia 21 de dezembro de 2012 no Palais de La Découverte.[5] Antes de viajar à Europa selecionei a exposição "Bête de Sexe" como um programa imperdível a se fazer na capital francesa, haja vista meu interesse prévio de pesquisa pelo tema do gênero e da sexualidade. Eu não estava errado: como tentarei mostrar adiante, a exposição apresentaria um conjunto de objetos e narrativas "bons para pensar" (Lévi-Strauss, 1975). Próximos dali e em várias outras cidades, menos de uma semana antes de minha visita, milhares de manifestantes se encontraram para se mostrarem contrários à proposta do presidente socialista francês François Hollande de legalização da homoconjugalidade na França (*Le Monde*, 15/12/2012),[6] revelando a atualidade dos temas que a exposição britânica reatualizaria no contexto francês.

4 É neste breve contexto histórico, político e ontológico que se insere a recente exposição "Sexy Nature" do Natural History Museum de Londres, que na sua montagem francesa, a qual visitei, ganhou o nome de "Bête de Sexe: la séduction dans le monde animal" ("Besta do sexo: a sedução no mundo animal") e ganhou como símbolo um primata.[7]

[Figura 1. Cartaz de divulgação da exposição em Paris]

5 Segundo o vídeo de apresentação da exposição, que pode ser facilmente encontrado na internet, a curadoria "[...] explora a relação entre sexo e evolução, como o sexo afeta a aparência física dos animais, e como eles se comportam, como eles se adaptaram para seduzir e se reproduzir".[8] Além disso, enfatiza-se: "Nós realmente mostramos os

segredos bizarros e íntimos do reino animal e as formas estranhas com as quais os animais seduzem seus companheiros e se relacionam sexualmente".

6 No entanto, a exposição não pretende explorar apenas a sexualidade dos não humanos – como veremos, animais, plantas e outros organismos fazem parte das narrativas e dos objetos exibidos, apesar da prevalência dos primeiros – mas também trata dos humanos de duas formas distintas: 1. ao longo de toda a exposição, ao fazer analogias antropocêntricas sobre animais e plantas, e 2. ao fim da exposição, dedicando uma seção inteira para a sexualidade humana. É através desse jogo narrativo sobre a sexualidade de algumas espécies animais não humanas, que envolve estratégias poli e monogâmicas, de atração sonora e estética, de incesto, de transgenerização, de homossexualidade, de violência sexual, entre outras, que percorremos a exposição. Selecionarei, porém, apenas a "homossexualidade" como fio condutor destas reflexões, agregando outros exemplos de maneira tangencial.

7 Ainda que o objetivo da exposição "Sexy Nature" (ou "Bête de Sexe") fosse explorar prioritariamente a sexualidade no reino animal não humano, como fica claro em sua apresentação, é preciso situar esta exposição em um momento histórico em que a questão da legalização da homoconjugalidade entre humanos na França leva milhares de manifestantes às ruas (*Le Monde*, 15/12/2012).[9] Se não analisarmos esta exposição dentro de uma rede de valores e ideias e entendermos que ela, no mínimo, dialoga com os debates políticos contemporâneos e atende a demandas sociais, caímos na ingenuidade moderna de encará-la apenas como um fenômeno de divulgação científica, divorciado de questões mais amplas da política nacional e internacional.[10] Não pretendo com este enfoque negar os diversos sentidos e funções que "Sexy Nature" pretende exprimir para o público ao qual se dirige. Meu objetivo analítico, porém, é sublinhar antropologicamente um aspecto específico de suas narrativas, qual seja, o discurso político que parece lhe subjazer.

8 Minhas preocupações aqui se inserem em um movimento de parte da antropologia que, após os anos 1980, se volta para os museus, preocupada com a ressonância dos discursos museológicos e seu papel político e pedagógico, como nos descreve o antropólogo José Reginaldo Gonçalves:

> Assiste-se nesse período a uma reaproximação entre os antropólogos e os museus, os quais passam a ser considerados como objetos de pesquisa, descrição e análise. Ao mesmo tempo, assiste-se a um trabalho de problematização sistemática (e denúncia) do papel desempenhado por essas instituições enquanto mediadores sociais, simbólicos e políticos no processo de construção de representações ideológicas sobre diversos grupos e categorias sociais, especialmente aqueles que foram tradicionalmente eleitos como "objetos" de estudo da antropologia (2007:22).

9 Porém, não pretendo me deter aqui na relação entre museus e antropologia, mas inspirado pela proposta crítica do artigo "Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden" (1985) de Donna Haraway, busco evidenciar o contexto, os valores e as estratégias discursivas nos quais uma exposição se insere política e simbolicamente. Além disso, pretendo mostrar, ao final, os supostos riscos sociais e políticos desta contraditória narrativa naturalizante, presente nas entrelinhas da exposição "Sexy Nature".

10 Especificamente sobre o tema da sexualidade animal, é Frank Cézilly, professor de ecologia evolutiva da Universidade de Bourgogne e diretor do Instituto Buffon, quem fornece alguma sistematização. Em uma coletânea homônima organizada por Cézilly (2009) – que não por acaso encontrei naquele dia à venda na lojinha do museu – este e

outros autores tratam de temas como a genealogia dos estudos de sexualidade animal; a sexualidade animal em relação à seleção natural; o hermafroditismo, a transexualidade e a homossexualidade que ocorreriam no chamado reino animal. Destaco para esta introdução a observação de Cézilly de que o estudo da sexualidade dos não humanos quase sempre teve como objetivo moralizar e normatizar os comportamentos humanos (Cézilly, 2009:10-11). "Sexy Nature" não parece ser uma exceção.

11 Assim, defendo neste artigo que, apesar de não assumir nenhum compromisso formal com a agenda política pró-direitos gays e dedicar, de fato, apenas uma pequena parte exclusivamente ao tema da "homossexualidade", a exposição "Sexy Nature" é um discurso museológico permeado de posicionamentos políticos e mais um dos agentes ativos do fenômeno de institucionalização da homossexualidade no Ocidente, entendendo "instituição", segundo Mary Douglas (1998[1986]), como trato a seguir.

Estratégia para a "institucionalização" da homossexualidade

12 Dedico esta parte a dissecar a "naturalização", como uma característica atribuída por Mary Douglas ao seu conceito particular de "instituição", para exercitar a validade de incluir o discurso museológico da exposição "Sexy Nature" como uma tentativa de institucionalização da homossexualidade em pleno processo e devir.

13 O conceito de "instituição" de Mary Douglas fornece bons *insights* para pensar essa estratégia de tentativa de naturalização da homossexualidade no Ocidente, via "ciência", aqui analisada a partir da exposição britânica. Em um nível de análise lógico, a "naturalização", segundo a autora, diz respeito ao processo de legitimação e enraizamento cognitivo de uma instituição, a partir de sua analogia com o mundo não humano, portanto irredutível e supostamente inscrito na ordem do inquestionável na ontologia naturalista moderna.

> Qualquer instituição que vá manter sua forma precisa adquirir legitimidade baseando-se de maneira muito nítida na natureza e na razão. Então ela propiciará a seus membros um conjunto de analogias por meio das quais se poderá explorar o mundo e com as quais se justificará a naturalidade e a razoabilidade dos papéis instituídos, [assim] ela poderá manter sua forma contínua, identificável (Mary Douglas,1998[1986]:116).

14 A exposição "Sexy Nature", como uma tentativa de "institucionalização" da homossexualidade no Ocidente, encaixa-se no esquema proposto acima, pois ela busca sua legitimidade também na analogia das práticas sexuais encontradas no mundo não humano, "natural".[11] Assim, encontramos já quase no fim da exposição um painel específico sobre homossexualidade, no qual se pode ler:

> Lutas evolutivas entre os gêneros surgem porque cada um deles adapta-se para reproduzir mais, muitas vezes em detrimento do outro, e as estratégias bem-sucedidas estão espalhadas por herança. A homossexualidade, portanto, coloca a questão: como é que este comportamento sexual não reprodutivo existe? Se os animais homossexuais não passam seus genes diretamente para a próxima geração, como é que eles são tão comuns? A homossexualidade pode ser inata ou circunstancial. A homossexualidade inata, onde um animal nasce com forte atração pelo mesmo sexo (por vezes uma atração por toda a vida), tem bases genéticas e hormonais significativas. Pode ser que os genes altamente benéficos para um sexo resultem em uma tendência para a homossexualidade no outro, assim eles persistem no *pool* genético.

15 Aqui, não me interesso por discutir propriamente a validade científica das informações fornecidas pela exposição em relação à "homossexualidade", tampouco responder, do ponto de vista antropológico, às questões colocadas pela biologia, mas registrar que: primeiro, a "homossexualidade" está sendo naturalizada aqui ao ser tratada como uma questão do âmbito genético, pois a exposição não revela o que seria a tal "homossexualidade circunstancial". Segundo, a categoria do léxico humano "homossexualidade" está sendo usada sem questionamento para se referir tanto a práticas sexuais dispersas ("homossexualidade") quanto para tratar de identidade e adjetivar ("animais homossexuais"). E, terceiro, tais práticas estão sendo decodificadas por uma linguagem específica: a da biologia que, neste trecho, a partir de um discurso generalista, não discrimina sobre quais espécies está a tratar – e isto é absolutamente fundamental para o sucesso da naturalização da "homossexualidade", pois possibilitará incluir as práticas e as identidades homossexuais humanas no rol mais amplo das práticas e das identidades "naturais".

16 Porém, somente nos subtítulos "Fatos da Vida" ("Facts of Life"), existentes na maioria dos painéis da exposição, e nas ilustrações que geralmente os acompanham é que, de uma perspectiva bem didática da exposição, é possível conhecer algumas espécies "exemplos" que ilustrariam o tema tratado ali.

[Figura 2. Painel sobre "homossexualidade" na exposição]

17 Nesse sentido, aqui, é possível identificar um exemplo breve da prática da "homossexualidade" no reino animal. Encontra-se em um painel: "Para os orangotangos, o intercurso homossexual é geralmente mais afetuoso do que o heterossexual, incluindo beijos, preliminares e abraços". Ao lado, ainda no mesmo painel, saímos das "homoafetividades" dos orangotangos para encontrar figuras de besouros-castanhos (*tribolium castaneum*) acompanhados de um breve texto sobre como os machos desta espécie costumam montar e ejacular em outros machos, o que lhes

daria, segundo a exposição, melhores chances reprodutivas. Há uma contradição inerente à narrativa: entre encarar a homossexualidade como comportamento sexual não reprodutivo e, agora, como um comportamento que garante "melhores chances reprodutivas". Contudo, faz-se notar que, uma vez que este exemplo está no painel intitulado "Homossexualidade", "Sexy Nature" nos leva a crer que tais práticas dos besouros ou dos orangotangos fazem parte do mesmo conjunto de práticas classificadas como "homossexuais", em um claro exercício antropocêntrico.

18 Além do painel, podemos encontrar na exposição alguns animais taxidermizados, que passo a entender como uma estratégia museológica de criação do "real" (Haraway, 1985:34). Ainda nos exemplos sobre "homossexualidade", encontro em seguida duas espécies de aves: o guincho (*Larus ridibundus*) e a gaivota prateada (*Larus argentatus*). Ao lado de seus corpos quase vivos, isolados em caixas de vidro transparente, é possível ler sobre cada um deles respectivamente:

> Cerca de vinte por cento das gaivotas de cabeça preta são homossexuais. Os machos formam casais monogâmicos que duram várias estações de amor. O casal se alimenta um ao outro e constrói um ninho, adquirem os ovos que eles mesmos cuidam juntos.
>
> e
>
> Cerca de três por cento das gaivotas fêmeas formam relações do mesmo sexo e, se estas se rompem, elas vão começar outras. Elas produzem grandes ninhadas de ovos, alguns serão férteis devido ao acasalamento com um macho, que não desempenha nenhum papel na criação.

[Figura 3. Animais taxidermizados eram uma constante na exposição]

19 Para além da narrativa claramente positivada das relações homoafetivas – no sentido tanto de reconhecer a eficácia da homoconjugalidade para a perpetuação das espécies quanto na romantização dessas experiências descritas como "estações de amor" (*saisons des amours*) – fica claro o uso da taxidermia como objetos privilegiados na exposição. Mary Douglas dirá que "as instituições se prendem a uma analogia elaborada a partir do

corpo” (1998 [1986]:59). Não à toa que a exposição busca, no privilégio dado aos corpos “naturais” dos não humanos, agora taxidermizados, as analogias com os humanos. Segundo Haraway (1985), “[...] a taxidermia foi feita a serviço do “real” [...] A taxidermia tornou-se a arte mais adequada para a postura epistemológica e estética do realismo”. Cézilly (2009:26), em sua recapitulação dos grandes autores que trataram da sexualidade animal, aponta para um discurso frequente ao longo dos séculos que justificava o estudo anatômico dos animais não humanos para o real conhecimento do corpo humano, uma vez que esses corpos eram reconhecidos enquanto máquinas de funcionamentos semelhantes. Desta forma, portanto, parece que os corpos taxidermizados de “Sexy Nature” são poderosos objetos para as analogias entre humanos e não humanos que se pretende criar.

Antropomorfização e zoomorfização como estratégias discursivas

> Não é incomum para os animais e as plantas tornarem-se irresistíveis com seus perfumes. Flores perfumadas atraem polinizadores em busca de néctar e feromônios poderosos ajudam os animais a se encontrarem.
> Simplesmente irresistível? Muitos animais usam perfume para criar atratividade. Nós não somos exceção. Contudo, a maioria de nós opta por aromas artificiais em seu lugar.

20 Encontrei esses textos em uma curiosa engenhoca exposta em que havia três canos largos que, ao nosso estímulo de apertar um botão, soltava o odor característico de cada um dos três animais ali tratados.

[Figura 4. Engenhoca interativa para a percepção de alguns "perfumes" naturais]

21 Mais interessante do que os *perfumes* do jaguar ou das flores e como eles são estratégicos para a reprodução são as persistentes associações e correlações entre humanos e não humanos abordadas em "Sexy Nature". Aqui, claramente se verifica a equação natureza:não humanos:feromônios::cultura:humanos:perfumes artificiais. Assim, se a curadoria buscou criar uma linguagem bem-humorada, como nos revela seu vídeo de apresentação,[12] ela o fez de uma forma em que as analogias insistentes criassem uma certa identidade entre o visitante e as espécies ali exibidas, afinal, neste aspecto dos perfumes, como em outros, "nós [humanos] não somos exceção". Voltarei à questão da identidade depois, mas abro agora um breve parêntese para sugerir que a linguagem do humor é a gramática que permite que as pretensões de verdade contidas nas narrativas da exposição sobre a sexualidade sejam absorvidas de maneira mais suave pelo público, sem que isto a torne menos eficaz. Pelo contrário, camuflar a dimensão política de "Sexy Nature" através das linguagens tanto do humor quanto da ciência é o que lhe dá grande poder de atração e convencimento.

22 Voltando às analogias sugeridas pela exposição, percebo que a identidade entre humanos e não humanos foi levada às últimas consequências na última seção, onde são exibidos crânios humanos e a sexualidade destes é explorada. Antes de chegar lá, porém, gostaria de descrever melhor o espaço da exposição e trazer ainda mais elementos elucidativos no que diz respeito às estratégias de antropomorfização e zoomorfização e como elas funcionam no processo de institucionalização de uma prática e de uma identidade sexual. Ao fim deste artigo, como conclusão, pretendo alertar para os supostos riscos políticos destas estratégias, diagnosticados pela própria exposição.

***

23 De acordo com a minha visita à montagem francesa e munido da planta arquitetônica e do vídeo de apresentação da montagem britânica, aos quais tive acesso, percebo que a exposição "Sexy Nature" foi organizada tanto em Londres quanto em Paris de forma a criar um ambiente intimista, com luz baixa, paredes pretas, formatação das letras em grafias que aludem ao período romântico e na cor vermelha, sussurros de todos os lados, vindos dos vídeos de animais em momentos de relação sexual, além daqueles de Isabella Rossellini, que merecem uma atenção especial. Neste clima de "bordel",[13] "Sexy Nature" conta, além dos painéis explicativos, dos animais taxidermizados e de vídeos sobre o contato sexual entre os animais e as plantas, com uma série de curtas-metragens chamada *Green Porno* ("Pornografia Verde"), onde Rossellini se veste como animais e simula seus intercursos sexuais explicando-os, em uma associação visual entre humanos e não humanos que faz parte do jogo narrativo da exposição.

24 Assim, o que mais chama a atenção nesta exposição, pelo menos daqueles, como eu, interessados na questão das (novas) identidades sexuais e das lutas políticas para a sua institucionalização, são as constantes associações entre humanos e não humanos – algumas mais evidentes, outras nem tanto. Desta forma, inicio com os bonobos – primatas famosos nas literaturas dos biólogos, primatólogos e antropólogos pelo jargão de resolverem conflitos através de relações sexuais e que, evidentemente, não poderiam estar de fora desta proposta de exposição. Sobre os bonobos, lê-se em outro painel:

> Bonobos são conhecidos como os macacos eróticos. Eles fazem sexo em qualquer oportunidade, com pouca discriminação, seja por idade ou sexo. Seu extenso repertório erótico parece ter um efeito calmante sobre a sua sociedade, que apresenta pouquíssima agressividade.

25 Aqui, é possível identificar dois tipos de exercício de sexualidade que costumam ser problemáticos para os humanos, pelo menos os chamados "ocidentais": aquele entre indivíduos que possuem acentuada diferença de idade (classificada em alguns casos específicos como "pedofilia") e o da diferença de gênero (uma vez que no caso dos humanos, pode ser socialmente conflituosa a possibilidade de relação sexual entre indivíduos do mesmo gênero/sexo). Um terceiro aspecto, relacionado ao primeiro tipo de exercício mencionado, é o incesto, prática relativamente comum entre os bonobos que, no entanto, não é tratada aqui. Deixarei para abordar o incesto e a pedofilia nas conclusões deste artigo, pois é mais importante demarcar agora que a narrativa da vida sexual dos bonobos será, penso eu, mais um elemento, mais um signo de naturalização (positiva) do intercurso homossexual no contexto da exposição.

26 Outro assunto abordado pela exposição é, por exemplo, o hermafroditismo, ou seja, quando um mesmo indivíduo possui os dois órgãos genitais. São mostrados como exemplo a lesma leopardo (*Limax maximus*) e a orquídea (*Spiranthes P*), que de acordo com a exposição teriam, no processo evolutivo, criado mecanismos para não se autofecundarem. Ainda na questão de gênero e sob o título de "Mudança de Gênero" ("Changing Gender"), "Sexy Nature" aborda positivamente – no sentido da vantagem reprodutiva – em um de seus painéis a transitoriedade "natural" entre os gêneros masculino e feminino encontrada em algumas espécies aquáticas, como os peixes-palhaço:

> Possivelmente, a estratégia mais conveniente na batalha dos sexos seja mudar de lado quando a sua equipe perde. Alguns animais aquáticos adotam o gênero que terá o maior sucesso reprodutivo naquele período. Para os machos que não lutam, como os peixes-palhaço, não há nenhuma vantagem em ser grande, então os adultos se tornam fêmeas para que produzam mais ovos. Peixe com haréns, como o bodião, mudam do sexo feminino para o masculino na medida em que envelhecem. Eles têm mais chances de depor o macho dominante dessa forma.

27 Parece que este texto positiva uma perspectiva funcional da transgenerização, que ao mesmo tempo seria incorporada e transmitida como possibilidade "natural". Um caso dentro da exposição, talvez não tão evidente, mas que me parece absolutamente incorporado à lógica de institucionalização da homossexualidade, principalmente no que se refere à homossexualidade masculina, é o da Pitta-de-asas-azuis (*Pitta moluccensis*), exibida no início da exposição,

> *Pittas* formam casais fiéis e pais dedicados. Como a maioria das aves, os machos e as fêmeas têm uma única abertura chamada cloaca, [...] que é usada para a reprodução e a excreção. A reprodução dessas aves é conhecida como o beijo cloacal.

28 A possibilidade de uso sexual de um órgão que também tem a função de excreção tem como um dos objetivos possíveis, a meu ver, dar uma resposta àqueles que consideram o sexo anal humano como "não natural". Apesar de o orifício excretor dos pássaros também ter por função a reprodução, o que não ocorre com o ânus humano, sugere-se um recado subliminar da exposição: é também "natural" o compartilhamento de funções excretoras e sexuais por um mesmo órgão do corpo. Usa-se a *Pitta* para tratar o que "Sexy Nature" não trata abertamente sobre os humanos, mas é importante lembrar que o compartilhamento de funções excretoras e reprodutivas de um mesmo órgão

também ocorre na espécie humana, já que nos machos humanos a uretra serve tanto para a passagem da urina quanto para a do sêmen.

29 Há possibilidades interpretativas outras para a escolha deste e de outros textos da exposição, mas procuro sublinhar ao longo deste trabalho uma das possibilidades de significação das narrativas de "Sexy Nature": a institucionalização da homossexualidade via "ciência" como um processo de curtos e por vezes inconscientes estímulos para a aceitação cognitiva de uma instituição, o que me parece central se nos dispusermos a uma análise intertextual da exposição. Não à toa o texto ainda atribui aos animais que têm essa prática, como as *Pittas*, características socialmente valorizadas entre os humanos, como a fidelidade e a dedicação paternal, o que pode contribuir para legitimar a prática, para institucionalizá-la por meio dessa naturalização.

30 Em relação aos aspectos mais comportamentais que a sexualidade engendra, é possível identificar outra tentativa de naturalização: a parte da exposição que trata dos *birds of paradise*, um conjunto de aves encontradas na Nova Guiné, em que são os machos que supostamente foram paramentados no processo evolutivo para atrair a atenção das fêmeas. Assim, "Sexy Nature" trata do fato de que entre essas aves a seleção sexual se dá pela escolha estética dos machos pelas fêmeas e que, por isso, são os machos que detêm as plumagens mais exuberantes herdadas de seus progenitores masculinos. O mesmo ocorreria com outras espécies, como o pavão:

> Os mais belos animais e plantas normalmente têm conseguido sua magnificência através da seleção sexual. A pressão sobre os machos para ofuscarem seus rivais gera sempre cores e padrões exuberantes. Muitos são visíveis apenas sob luz ultravioleta, um show privado para as aves, peixes e insetos que podem assim se deleitar. As fêmeas são geralmente entediantes em comparação, envolvendo camuflagem em vez de *glamour*. As aves são particularmente receptivas a atrações visuais, não só no sentido de potenciais companheiros, mas para as plantas também.

31 Não creio ser exagero afirmar que neste caso, como em outros na exposição, há uma política de desconstrução dos signos muito marcados de gênero no tratamento de tais exemplos dos reinos vegetal e animal, apesar de também haver algumas reificações de classificações caras aos humanos ocidentais – como a batalha de machos pelas fêmeas, na chave macho:atividade::fêmea:passividade. No entanto, uma exposição que se pretenda interativa e interessante para seu público deve causar surpresas, aprendizados e certos deslocamentos. No caso acima, em termos de performatividades e de construção do corpo, o espanto se dá por serem os machos aqueles que têm *glamour*, enquanto as fêmeas apenas se camuflariam. Esta mesma tentativa de desestabilização de signos marcados de gênero se torna flagrante no tratamento de outras duas das aves da exposição: o jaçanã (*Jacana jacana*) e o *painted-snipe* (*Rostratula benghalensis*)

> Estas aves pernaltas [jaçanãs] revertem os estereótipos de gênero. As fêmeas maximizam a sua capacidade reprodutiva, envolvendo-se com vários parceiros ao mesmo tempo. Com cada macho cuidando de sua ninhada de pintos separados, ela pode conseguir com isso a guarda do território e assim produzir mais ovos.
> Fêmeas *snipes pintadas* são maiores e mais coloridas que os machos. Eles trocam os papéis de gênero esperados, com as fêmeas iniciando o cortejo e os machos incubando os ovos.

[Figura 5. A exuberância dos machos no ambiente de "bordel" da exposição]

32 E também no caso das hienas (*Crocuta crocuta*) fêmeas, que supostamente inverteriam a dominação masculina ao possuírem certo protagonismo em sua organização social:

> Ela é a chefe. Alguns animais revertem os estereótipos de gênero completamente. As fêmeas dominam os seus parceiros ou acasalam com vários machos. [...] fêmeas de hienas pintadas são, definitivamente, as líderes do bloco. Maiores que os machos, as fêmeas já desenvolveram o que se parece com a genitália masculina. Os 15 centímetros de comprimento do clitóris e os lábios vaginais inchados se assemelham a um pênis e a um saco escrotal.

33 Se o domínio feminino é positivado na narrativa sobre as hienas, por outro lado e em outros momentos, a exposição claramente positiva uma igualitária divisão de tarefas domésticas por ambos os gêneros. É possível constatar isto quando ela trata, por exemplo, da "Batalha dos Sexos" ("Battle of the sexes").

> Alguns animais devem prestar cuidados paternais para garantir que seus jovens sobrevivam e continuem a linhagem. Mas quem fica segurando o bebê? Cuidar de crianças é demorado, caro e amarra os pais que poderiam fazer outras coisas. Ambos poderiam se beneficiar se separassem suas funções e deixassem o trabalho duro para a sua cara-metade. Todos os arranjos domésticos concebíveis evoluíram no reino animal como forma de machos e fêmeas maximizarem o seu potencial reprodutivo.

34 E fornece alguns exemplos distintos dessa cooperação entre machos e fêmeas no que diz respeito às relações domésticas e ao cuidado com a prole em algumas espécies, como o albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*), o gibão *hoolock* (*Bunopithecus hoolock*) e o escaravelho (*Scarabaeidae sp*). A diversidade das experiências não só sexuais entre os não humanos, mas também de organização social e de cuidado com a prole são privilegiadas pela exposição. O fio condutor que parece guiar essas conexões, para além da dimensão sexualidade/gênero e como isto impacta a evolução,

parece-me ser a tentativa da curadoria de formular uma pedagogia de renaturalização de determinados comportamentos humanos.

35 Os comentários e os burburinhos que escutava dos visitantes da exposição foram quase sempre analógicos em relação às suas próprias vidas ou às de outros humanos. Se, por um lado, o fato de indivíduos do sexo masculino se ornamentarem exuberantemente no mundo dos humanos, em detrimento daqueles do sexo feminino, foi algo esquecido nos séculos que antecederam a modernidade no Ocidente, quando a figura do rei francês Luís XV é marcada pela elegância de sua vestimenta e pelo renascimento do *talon haut* ("sapatos de salto alto"), por outro lado, a exposição parece querer relembrar aos seus visitantes que o signo da ornamentação masculina, assim como o do falo da hiena fêmea (em outras palavras, da capacidade de liderança feminina) e as relações domésticas igualitárias entre os gêneros são também possibilidades "naturais" – ainda que possam parecer contraditórias. De fato, parece um empreendimento colossal tentar conciliar toda a diversidade do mundo não humano, inscrevendo-o na gramática humana, mas ao fazê-lo, "Sexy Nature" produz efeitos contraditórios em um nível, mas eficazes em outro.[14]

36 Assim, chegamos à última seção da exposição que, após mostrar toda a diversidade da sexualidade no mundo animal, pretende dialogar agora diretamente com a sexualidade dos seus visitantes – naquele dia, pelo menos, quase todos da espécie humana (*Homo sapiens*). Como é explicado na apresentação:

> Nós também temos algumas interatividades para permitir aos visitantes que se envolvam em uma seção sobre a reprodução humana. Eles podem ouvir sobre o que as outras pessoas se sentem atraídas e mostrar os seus próprios poderes sexuais para atrair companheiros através da linguagem do amor.

37 Nesta última seção encontro um painel elucidativo com os seguintes dizeres:

> Em uma inspeção rigorosa, demonstramos uma vasta gama de comportamentos sexuais. A diversidade de escolhas sexuais que fazemos – em combinação com a nossa orientação sexual – sugere que, quando se trata de sexo, a variedade é realmente o tempero da vida. Enquanto a nossa biologia pode explicar alguns comportamentos sexuais humanos, a realidade para muitos é que o sexo é sobre algo mais do que explicações evolutivas. Em alguns casos, nós conscientemente optamos por superar nossa biologia tradicional, por exemplo, em situações de barriga de aluguel e da homoparentalidade. Inúmeras obras de literatura, incluindo depoimentos pessoais, demonstram a riqueza da nossa natureza sexual, que vai além da mecânica de perpetuar os nossos genes. Como você expressa sua natureza sexual?

38 Se as estratégias de antropomorfização dos não humanos e de zoomorfização dos humanos são empregadas ao longo da exposição mais ou menos discretamente, percebe-se que quando chegamos à sexualidade humana, esta titubeia entre positivar a diferença de nossa sexualidade humana como um fenômeno para além das explicações evolucionárias, como seria a "homoparentalidade", e reificar o compartilhamento por todos os seres sexuados da "riqueza de nossa natureza sexual". Esta tensão se torna flagrante na pergunta proposta ao público: "Como você *expressa* a sua *natureza* sexual?" (grifos meus). Não pretendo adentrar profundamente em tal tensão em nossa ontologia naturalista, apenas marcar que a categoria "natureza" se apresenta ora como algo dado, na ordem do inato e exterior, ora como algo passível de ser "expressado", recriado, ou seja, dependente da cultura.

39 É interessante assinalar que se voltarmos às tais gaivotas que vivem relações "homoparentais", mencionadas no início deste artigo, essa "criatividade" (ou forma de expressão da natureza sexual) também está presente nos não humanos: já que machos se unem e conseguem ovos e filhotes para cuidar, bem como fêmeas que acasalam com machos vão criar os filhotes com outra fêmea, enquanto esses machos só lhes servem como instrumento de procriação. Algo que a exposição supõe se aproximar das estratégias humanas, sem no entanto conceder aos não humanos a possibilidade da sua inscrição como operadores de "cultura".

40 Esta tensão entre o dado "natural" e a suposta exclusiva capacidade criativa dos humanos, contudo, é dramatizada mais agudamente no final. Na pequena seção dedicada à sexualidade destes, há alguns crânios de espécies humanas que dividem o espaço com outros objetos expostos, como alguns telefones, painel de recados e outros signos da cultura humana relacionados ao romantismo e à sedução:

> *Sua besta sexual.* O que o *sexo significa para você*? É sobre poder, procriação, recreação, intimidade? Os métodos, a linguagem e as escolhas que os humanos usam quando se trata de sexo refletem um caleidoscópio de comportamentos e atitudes. Deixando o resto do reino animal para trás, *nós somos animais sexuais inegavelmente*. O sexo é tão importante para nós que nós encontramos maneiras de nos divertirmos sem a complicação da reprodução, utilizando método contraceptivo. Então, você acha que um parceiro é para toda a vida, ou é a monogamia superestimada? Você sai com homens, mulheres, ambos ou nenhum? Poderia o amor realmente ser apenas mais um mecanismo para maximizar a sua aptidão genética, ou é a realidade muito mais complexa? (grifos meus).

[Figura 6. Crânios humanos na última seção da exposição]

41 Contudo, em grande parte, a exposição parece ter sido guiada pela primeira concepção de natureza, qual seja, aquela separada ontologicamente pela cultura, pois a ela – e esta é uma das hipóteses centrais deste artigo – interessa politicamente retirar certos comportamentos sexuais, como a homossexualidade, do espectro dos comportamentos

passíveis de regulação pela moralidade e realocá-los nos fenômenos "naturais", supostamente dados e externos, que prescindem da convenção humana para serem levados a cabo pelos organismos vivos neste planeta. Mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, o discurso ainda parece querer conectar essa homossexualidade, mesmo que realocada nos fenômenos naturais, a princípios morais valorizados socialmente. O esforço de associação presente em "Sexy Nature" entre a sexualidade humana e não humana não consegue escapar deste exercício contraditório e criativo.

42 Além disso, nesse espírito de defesa da diversidade da/na "natureza" e a partir dessa lógica associativa entre humanos e não humanos, a exposição acaba por abordar outros temas relacionados ao mundo da sexualidade animal que, uma vez antropomorfizados, se tornam problemáticos socialmente. Explico: se, por um lado, "Sexy Nature" trata de forma lúdica da sedução aromática e sonora de alguns animais e plantas, como as rãs meridionais (*Hyla meridionalis*), por outro, a exposição também aborda a "violência sexual", a "dominação masculina", o "celibato", a "poligamia", o "sexo precoce" e o "incesto". "Sexy Nature" corre o risco de formular perigosas naturalizações, ou melhor, de relativizar valores caros e já sedimentados nas sociedades inglesa e francesa (ou em quaisquer outras nas quais eventualmente sua narrativa exerça influência), como a liberdade feminina e da sexualidade em geral, a proteção das crianças contra as relações sexuais com adultos, a monogamia, o incesto, e por aí vai, uma vez que o visitante já está envolvido no espírito analógico de suas narrativas.

43 Um "risco" gerado pela narrativa contraditória da exposição que, como veremos, não é um prognóstico analítico, mas um temor êmico, e ao fim precisará ser explicado por "Sexy Nature". Ainda que "Sexy Nature" seja às vezes muito clara ao positivar ou negativizar certas analogias dos não humanos com o mundo dos humanos, no que diz respeito aos exercícios sexuais, o risco de associação cognitiva e o *slippery slope* ainda existem e é disto que, finalmente, pretendo tratar nas conclusões.

Conclusão: o risco êmico do *slippery slope*

44 Voltemos alguns passos no percurso linear da exposição e encontraremos como exemplo algo sobre sexo forçado no reino animal:

> Algumas das travessuras sexuais de outros animais podem ser chocantes para nós, incluindo alguns comportamentos fora da lei nas sociedades humanas, como o sexo forçado. Por exemplo, cobras machos coagem as fêmeas para acasalar, sufocando-as. As respostas defensivas automáticas das fêmeas envolvem a abertura de seu orifício genital, através do qual normalmente são excretadas as fezes e produtos químicos para repelir predadores. Esta abertura permite que a cobra macho a penetre.

45 No entanto, ao perceber o risco das consequências (perigosas) que sua estratégia de naturalização de algumas das práticas sexuais dos não humanos podem implicar, como o sexo forçado, faz uma interessante e impressionante ressalva:

> Mas não podemos julgar os outros animais pelos nossos códigos morais, *assim como nós não baseamos nossas regras nos seus comportamentos*. Coloque seus preconceitos de lado e aprenda uma coisa ou duas sobre como é para eles (grifo meu).

46 Aqui, precisa-se relembrar à "Sexy Nature" que historicamente os humanos ocidentais sempre basearam suas regras também nos comportamentos sexuais não humanos. É isso que Cézilly demonstra em seu artigo "La sexualité: l'avant e après-Darwin" (2009), assim como o faz Thomas (2010); é baseado na "natureza" que advogam muitos

daqueles contrários às sexualidades não heteronormativas e, mais impressionante, é isso que está nas entrelinhas da própria exposição "Sexy Nature", no que diz respeito à "homossexualidade" e a outras práticas positivadas pela exposição, em um *double-bind* (Bateson, 1972), no mínimo, interessante.

47 Ao tratar da diversidade de papéis de gênero no reino animal, "Sexy Nature" termina com uma frase instigante:

> Ménage à? Não precisa ser o cara por cima. Enquanto o macho alfa pode estabelecer a lei em algumas sociedades animais, as regras são feitas para serem quebradas. A evolução tem produzido muitos sistemas de acasalamento que pervertem a dominação masculina. As fêmeas podem assumir o comando, uma fêmea pode monopolizar um grupo de machos, sociedades inteiras poderiam balançar em direção à promiscuidade ou um casal pode permanecer durante a vida. *Lá fora, no mundo selvagem, vale tudo* (grifo meu).

48 Se tudo vale para o mundo selvagem, o que vale para o mundo não selvagem dos humanos? Se valem violentas batalhas dos machos pelas fêmeas entre os escaravelhos vaca-loura (*Lucanus cervus*) e os besouros-hércules (*Dynastes Hercules*), a penetração forçada de machos em algumas espécies de cobras, a fecundação das larvas de vespas machos nas fêmeas recém-nascidas e a poligamia das aves ferreirinha-comum (*Prunella modularis*) e escrevedeira-da-lapónia (*Calcarius lapponicus*), o que valeria para os humanos?

49 "Sexy Nature" vive uma tensão em sua narrativa porque lança mão de uma poderosa estratégia de naturalização, baseada no prestígio que a ciência detém no mundo moderno, para positivar aqueles comportamentos ou aquelas identidades "naturais" que julga positivos, mas não pode estender sua lógica para as demais práticas e identidades encontradas (por associação lexical) no mundo dos não humanos, uma vez que isso vai de encontro aos acordos sociais já fortemente estabelecidos e concordados pela exposição – como a não legitimação do sexo forçado entre humanos ocidentais, por exemplo. Não à toa, enquanto existem painéis dedicados exclusivamente na exposição à "Homossexualidade" ("Homosexuality") e à "Mudança de Gênero" ("Changing Gender"), por exemplo, não existem equivalentes para "Incesto", "Sexo forçado", "Pedofilia" etc.

50 "Sexy Nature" encontra-se então em uma encruzilhada, pois a estratégia naturalizante, se poderosa enquanto instrumento político no contexto de uma ontologia naturalista, tem o ônus da potência de universalização, ou um processo de *slippery slope*, que nada mais é do que o processo de derivação de uma regra para consequências lógicas não previstas e, eventualmente, disruptivas.

51 Por um lado, o conceito de slippery slope explicaria as associações discursivas, frequentes em muitos países, entre a liberalização da homossexualidade e o risco do aumento da corrupção de menores (Kaoma, 2009) e a legalização da homoconjugalidade como abertura lógica à zoofilia (Guzzo, 2012). Por outro lado, esta estratégia de naturalização da homossexualidade tem outras consequências, penso que ainda mais graves, previstas segundo uma análise a partir do conceito de slippery slope: organizações como a North American Man/Boy Love Association (NAMBLA), que resiste e atua politicamente no sentido de legalizar as relações sexuais entre homens adultos e meninos, usam do mesmo expediente argumentativo – naturalização via evidência empírica no reino animal ou no mundo "natural" – para defender a queda das leis de pedofilia nos Estados Unidos.[15] Assim como poderia munir política e simbolicamente os discursos que veem a violência sexual masculina como possibilidade natural na relação

entre homens e mulheres ou questionar a validade legal da criminalização do incesto, como ocorre hoje na Inglaterra. Se, politicamente, a naturalização da “homossexualidade” pode ser eficaz para o seu processo de enraizamento cognitivo (ou “institucionalização” nos termos de Mary Douglas), é fundamental ao menos ter consciência dos riscos de universalização latente que essa estratégia de naturalização ou esse “essencialismo estratégico” carrega consigo.

BIBLIOGRAFIA

BATESON, Gregory. 1972. Steps to an ecology of the mind: A revolutionary approach to man’s understanding of himself. Chicago: University of Chicago Press.

CÉZILLY, Frank. 2009. La Sexualité Animale. Paris: Le Pommier/Cité des sciences et de l’industrie.

DESCOLA, Philippe. 2005. Par-delà nature et culture. Paris: Éditions Gallimard.

DOUGLAS, Mary. 1988 [1986]. Como as instituições pensam. São Paulo: Edusp.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2007. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais.

GUZZO, J.R. 2012. Parada Gay, cabra e espinafre. Revista Veja, Edição 2.295:116-118, nov.

HARAWAY, Donna. 1944-1985. “Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden, New York City, 1908-1936”. Social Text, 11: 20-64, DukeUniversity Press.

KAOMA, Kapya. 2009. Globalizing the Culture Wars: U.S. Conservatives, African churches, & homophobia. Somerville: Political Research Associates.

KIRKPATRICK, R.C. 2000. “The evolution of human homosexual behavior”. Current Anthropology, 1(3): 385-413.

LATOUR, Bruno. 2011. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34.

LEVI-STRAUSS. 1975. O Totemismo Hoje. Petrópolis: Vozes.

MOTT, Luiz. 2005. Raízes Históricas da Homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro. Texto apresentado à Conferência The Lusophone Black Atlantic in a Comparative Perspective, Centre for the Study of Brazilian Culture and Society, King’s College, Londres, 10-11/03/2005.

NEILL, James. 2009. “Against Nature? Homosexual Behavior in the Animal World”. In:___. The Origins and Role of Same-Sex Relations in Human Societies. Jefferson, North Carolina and London: McFarland & Company.

THOMAS, Keith. 2010. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. “Ser mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico”. Working Paper CRIA 1, Lisboa.

NOTAS

1. Gostaria de agradecer ao professor Guilherme Sá que na disciplina que ministrou, e na qual este artigo foi apresentado como trabalho final, contribuiu não só com a sugestão de bibliografias, mas também com as ideias centrais deste trabalho. Igualmente agradeço aos colegas de turma Izabel Ibiapina, Guilherme Moura, Eduardo Di Deus, Julia Sakamoto, Graciela Froehlich e Luisa Molina pelas generosas sugestões. Estendo o agradecimento ao professor Octavio Bonet, que em seus elogios na Jornada do PPGSA/UFRJ me estimulou a publicá-lo; à professora Marcela Stockler agradeço a leitura deste artigo e as excelentes críticas dirigidas a ele no evento Conversas da Kata, na Universidade de Brasília; agradeço também as leituras, as revisões e as sugestões de meus queridos companheiros Alberto Goyena, Alexandre Fernandes, Chirley Mendes, Everton Rangel, Igor Ribeiro, Izis Morais, Krislane de Andrade e Raysa Martins; e, finalmente, agradeço aos pareceristas e aos revisores da revista.

2. Pretendo neste artigo abordar esta segunda via, que compara os humanos aos não humanos.

3. Disponível em: http://www.aaanet.org/issues/policy-advocacy/Statement-on-Marriage-and-the-family.cfm. Acesso em: 07/12/2013.

4. Aqui, remeto-me tanto aos grupos neopentecostais cristãos que se expandem em diferentes partes do mundo, mas principalmente em África (Kaoma, 2009), como, por outro lado, aos intelectuais filiados à chamada teoria *queer*. Ambos parecem querer desestabilizar a "naturalidade" dos comportamentos e identidades sexuais, ainda que tenham diferentes perspectivas e percorram caminhos distintos para isso.

5. O Palais de la Découverte é um museu de ciências situado no Grand Palais, no oitavo arrondissement, na Avenida Franklin D. Roosevelt. O museu foi criado em 1937 por Jean Baptiste Perrin (premiado com o Nobel de Física de 1926), abrigando uma exposição internacional sobre "Arte e tecnologia na vida moderna". Em 1938, o governo francês decidiu converter o espaço em um novo museu, que agora ocupa 25 mil metros quadrados dentro da ala oeste do Grand Palace (Palais d'Antin), construído para a Exposição Universal (1900) – projeto do arquiteto Albert Felix Theophilus Thomas. Em janeiro de 2010 o museu foi fundido com a Cidade da Ciência e Indústria. A nova instituição é nomeada "universcience". Hoje, o museu apresenta exposições permanentes de matemática, física, astronomia, química, geologia e biologia.

6. Disponível em: http://religion.blog.lemonde.fr/2012/12/15/mariage-pour-tous-la-crainte-des-opposants-de-passer-pour-des-homophobes. Acesso em: 07/12/2013

7. O logotipo da versão francesa da exposição possui uma imagem realista de um gorila que, deitado sobre as letras do título e com os braços apoiando a cabeça, olha diretamente para o expectador, em uma aparente analogia com um de seus parentes mais próximos, os humanos.

8. Todos os textos da exposição foram por mim traduzidos.

9. Disponível em: http://www.lemonde.fr/societe/article/2012/12/15/mariage-gay-la-bataille-se-poursuit-dans-la-rue_1806912_3224.html. Acesso em: 07/12/2013

10. Infelizmente não possuo dados sobre as políticas institucionais e governamentais que permitiram o intercâmbio entre os museus britânico e francês para que esta exposição se realizasse neste segundo país.

11. O mesmo fenômeno de "institucionalização" da homossexualidade poderia ser verificado em algumas obras cinematográficas, televisivas, literárias etc.

12. "'Sexy nature' tem um tom bem-humorado, dirigimo-nos para um público adulto jovem e por isso estamos reconhecendo o humor inato na linguagem do sexo. A exposição é mais sedutora e sensual."

13. Agradeço a analogia da professora Marcela Stockler.

14. Um dos efeitos dessa analogia aparentemente absurda é o humor, como pode ser visto neste cartoon: http://9gag.com/gag/aZP2zgz?ref=fb.s. Acessado em: 21/05/2014

15. E de fato usam, como pode ser visto em sua página da internet: http://www.nambla.org/sciences.html.

RESUMOS

Este artigo pretende analisar etnograficamente a narrativa explorada pela exposição britânica "Sexy Nature" quando em exibição em Paris. A partir do enfoque privilegiado de que esta exposição é um agente político ativo em um processo em curso de tentativa de naturalização de certas práticas sexuais e identidades (entre elas, a homossexualidade), descrevo e analiso as estratégias narrativas da exposição que, na busca de exibir a diversidade sexual do mundo não humano, se alterna entre a antropomorfização dos não humanos e a zoomorfização dos humanos. Assim e ao mesmo tempo, a exposição se propõe a deslocar certos signos de gênero para incluí-los no amplo escopo da "natureza". Por último, concluo defendendo que, se por um lado são eficientes na ontologia naturalista, por outro, tais estratégias estão acompanhadas de eventuais riscos políticos em um processo que se convencionou chamar *slippery slope*.

This article aims to analyze ethnographically the narratives explored by the British exhibition "Sexy Nature", once displayed in Paris. From the privileged focus of this exhibition as an active political agent of an ongoing process of trial naturalization of certain sexual practices and identities (including "homosexuality"), I describe and analyze the narrative strategies of this exhibition, which in looking for displaying the sexual diversity of non-human world, switches between anthropomorphizing non-humans and zoomorphizing humans. At the same time, the exhibition proposes to move certain signs of gender to include them in the broad scope of "nature". Finally, I conclude by arguing that, if on the one hand such strategies are efficient in naturalistic ontology, in the other, they are accompanied by political risks in a process that has been called "slippery slope".

ÍNDICE

Keywords: homosexuality, strategic essencialism, museums, non-human, "Sexy Nature"
Palavras-chave: homossexualidade, essencialismo estratégico, museus, não humanos, "Sexy Nature"

AUTOR

FRANCISCO PAOLO VIEIRA MIGUEL

Pesquisador independente. **Francisco Paolo Vieira Miguel** é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasil. Já publicou artigos sobre cultura material, especificamente nos campos do patrimônio e da arquitetura popular. Atualmente está interessado nos temas do gênero e da sexualidade, tendo realizado sua pesquisa de campo sobre movimento LGBT e homossexualidades masculinas em Cabo Verde, África.
Contato: fpvmiguel@gmail.com